

Nota de abertura

No dia 21 de Dezembro de 2012, a expectativa de um fim do mundo – tão espectacular quanto improvável – foi vivida à escala planetária. Entre terrores genuínos e um irónico ambiente de festa, a data fatídica passou sem incidentes, e profecias de novas datas para uma destruição do planeta começaram imediatamente a surgir.

O que é o fim do mundo? Um juízo universal da humanidade, conforme dizem os textos vetero- e neotestamentários? Uma catástrofe ecológica, global e iminente, provocada pelo homem? A alegoria de um mundo que perdeu as suas (meta)narrativas, vogando sem verdade e sem destino, após Auschwitz e Sarajevo? O pretexto para a sedução do espectáculo, entre filmes-catástrofe e um delicioso imaginário da destruição? Ou o confronto de cada qual com a sua morte própria? Por que nos fascina e aterroriza este tema milenar, nunca resolvido – e o que temos a ganhar com a exploração do nosso próprio terror?

Para estudar o imaginário do fim do mundo, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde 2013, uma série de seminários abertos, coincidindo com os equinócios e os solstícios. Os libretos *Materiais para o Fim do Mundo* recolhem alguns ensaios apresentados nesses seminários, ou textos afins. Neste oitavo libreto, Maria de Fátima Outeirinho lê a obra de Léonora Miano, escritora nascida nos Camarões e vivendo em França, sob o ponto de vista do(s) fim(ns) do mundo africanos, marcado(s) pela história da escravatura e a questão das fronteiras, da memória, da pós-memória; Jorge Lopes revisita o universo de Vergílio Ferreira e o paradigma da aldeia destruída, paraíso perdido e ruína inelutável, à luz da “serenidade” heideggeriana e do “tom apocalíptico” analisado por Jacques Derrida; e Sofia Araújo avalia as inquietantes afinidades entre a *not-so-short-story* “The Machine stops”, de E.M. Forster, e a nossa actualidade, dois universos fascinados pelo ideal da máquina perfeita e minados pela suspeita de uma morte da civilização.

Pedro Eiras